

**O NÚCLEO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO - NATEE:
UMA EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM TEA**

**THE SPECIALIZED EDUCATIONAL SERVICE CENTER - NATEE:
STUDENTS WITH ASD LITERACY EXPERIENCE**

**EL CENTRO DE SERVICIOS EDUCATIVOS ESPECIALIZADOS - NATEE:
UNA EXPERIENCIA DE ALFABETIZACIÓN DE ESTUDIANTES CON TEA**

Marinete de Nazaré dos Santos Velasco* e Tânia Regina Lobato dos Santos**

RESUMO

Este artigo constitui uma pesquisa bibliográfica sobre as ações pedagógicas aplicadas aos alunos com deficiências em espaços especializados. A questão norteadora é: como os professores do Núcleo de Atendimento Educacional Especializado (NATEE) desenvolvem práticas pedagógicas no processo de alfabetização, especialmente na aquisição da leitura e da escrita de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)? Objetiva refletir a partir das fichas de evolução sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas, tendo como foco o processo de alfabetização de crianças com TEA realizado pelo NATEE em 2019. Foram analisadas fichas de evolução de quatro alunos da instituição. Os resultados indicam que a aquisição da leitura e da escrita pelos alunos ocorre de forma evolutiva, com progresso acadêmico gradual a curto, médio e longo prazo. O estudo destaca a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso e a permanência dos alunos em espaços que promovam a estimulação precoce e adequada, favorecendo o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Além disso, é crucial implementar melhorias no espaço físico do Núcleo, que tem um papel fundamental.

Palavras-chave: Educação especial. NATEE. Educando/TEA. Alfabetização.

ABSTRACT

This article constitutes bibliographic research on the pedagogical actions applied to students with disabilities in specialized spaces. The guiding question is: how do the teachers of the Specialized Educational Service Center for Autism Spectrum Disorder (NATEE) develop pedagogical practices in the literacy process, especially in the acquisition of reading and writing by children with autism spectrum disorder (ASD)? It aims to reflect from the evolution records on the pedagogical practices

* Especialista em TEA: Intervenções Multidisciplinares em Contextos Intersetoriais pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Especialista em Educação na Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC) e Docente da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), Belém, Pará, Brasil. E-mail: marinete.velasco@escola.seduc.pa.gov.br.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5693-815X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0256915959796201>.

** Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil. E-mail: tania02lobato@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7188-4386>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1033138909231401>.

developed, focusing in the literacy process of children with autism conducted by NATEE in 2019. Evolution records of four students from this institution were analyzed. The results indicate that the acquisition of reading and writing by students occurs in an evolutionary manner, with gradual academic progress in the short, medium, and long term. The study highlights the need for public policies that ensure access and permanence of students in spaces that promote early and adequate stimulation, favoring the development of reading and writing skills. In addition, it is crucial to implement improvements in the physical space of the Center, which plays a fundamental role.

Keywords: Special education, NATEE. Student/ASD. Literacy.

RESUMEN

Este artículo constituye una investigación bibliográfica sobre las acciones pedagógicas aplicadas a los estudiantes con discapacidades en espacios especializados. La pregunta orientadora es: ¿cómo los profesores del Núcleo de Atención Educativa Especializada al Trastorno del Espectro Autista (NATEE) desarrollan prácticas pedagógicas en el proceso de alfabetización, especialmente en la adquisición de la lectura y escritura por parte de los niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA)? Tiene como objetivo reflexionar a partir de las fichas de evolución sobre las prácticas pedagógicas desarrolladas centrándose en el proceso de alfabetización de niños con TEA realizado por NATEE en 2019. Se analizaron fichas de evolución de cuatro estudiantes de esta institución. Los resultados indican que la adquisición de la lectura y la escritura por parte de los alumnos ocurre de manera evolutiva, con progreso académico gradual a corto, mediano y largo plazo. El estudio destaca la necesidad de políticas públicas que garanticen el acceso y la permanencia de los estudiantes en espacios que promuevan la estimulación temprana y adecuada, favoreciendo el desarrollo de las habilidades de lectura y escritura. Además, es crucial implementar mejoras en el espacio físico del Núcleo del Autismo, que juega un papel fundamental.

Palabras clave: Educación especial. NATEE. Estudiante/TEA. Alfabetización.

1 INTRODUÇÃO

O NATEE, sigla que especifica o Núcleo de Atendimento Educacional Especializado, tem como público-alvo educandos que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA), é vinculado à Coordenação de Educação Especial da Secretaria de Estado de Educação do Pará (COEES/SEDUC) e tem como princípio materializar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) às crianças e jovens com TEA em conformidade com as bases legais da Constituição Federativa do Brasil (Brasil, 1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN nº 9394/1996, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva do Ministério da Educação (Brasil, 2008b), Diretrizes Curriculares para a Educação Especial e Adaptações Curriculares Nacionais a partir da Lei 12.764/12, Decreto 7.611/11, Res. 04/09 CEB/CNE e Res. 01/2010 do CEE/PA.

A motivação em estudar o NATEE, a partir da experiência de alfabetização de alunos com TEA, origina-se da necessidade de saber se o Núcleo vem contribuindo efetivamente, com sua prática pedagógica, para o desenvolvimento do processo de alfabetização (leitura e escrita) dos referidos educandos.

O ingresso dos educandos no Núcleo ocorre por meio do atendimento inicial da COEES, por encaminhamento de Unidades de Saúde e pela procura espontânea da comunidade. As etapas da avaliação constituem um processo contínuo de avaliar a criança, seus familiares e os procedimentos de intervenção, dentre os quais se tem a anamnese (coleta de dados) com familiares que convivem com a criança, objetivando a complementação da história de vida.

Este artigo, então, orienta-se por indagações de interesse pessoal e profissional sobre as práticas pedagógicas de alfabetização (leitura e escrita) desenvolvidas pelos profissionais que atenderam o público-alvo com TEA, no ano de 2019, a partir das fichas de evolução.

Tem como questão de pesquisa: como ocorre a prática pedagógica desenvolvida no NATEE em relação ao processo de alfabetização (leitura e escrita) das crianças com TEA?

O eixo da análise baseia-se nas seguintes questões:

1. Qual a proposta pedagógica desenvolvida pelo NATEE com as crianças com TEA?
2. O que os teóricos evidenciam sobre a leitura e a escrita?
3. Que atividades pedagógicas são realizadas com as crianças, a partir das fichas de evolução, para desenvolver a leitura e a escrita?

Com o objetivo de refletir a partir das fichas de evolução sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização de crianças com TEA, a ação possibilita apresentar, de forma mais específica, a proposta pedagógica do Núcleo, bem como e refletir sobre a leitura e escrita e levantar as atividades pedagógicas realizadas com as crianças para desenvolver a leitura e a escrita, na sala 1 do Atendimento Pedagógico Especializado.

Assim sendo, o artigo foi organizado da seguinte forma: apresentação da introdução e da metodologia; como acontece o atendimento dos educandos com TEA no NATEE; posteriormente, a leitura e a escrita de alunos com TEA; em seguida, a análise dos dados do Gráfico 1, descrevendo a evolução pedagógica dos alunos identificados como A, B, C e D; para concluir, os resultados e as considerações.

2 METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido com base na pesquisa bibliográfica, por meio de revisão de literatura sobre as principais teorias que norteiam os estudos sobre a temática em questão. Segundo Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos".

Foi desenvolvido também com base na pesquisa documental, com o apoio dos relatórios produzidos nas práticas pedagógicas para análise e interpretação dos fatos. Segundo Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa documental é a coleta de dados em fontes primárias, como documentos escritos ou não, pertencentes a arquivos públicos, arquivos particulares de instituições e domicílios e fontes estatísticas, tal revisão é o que chamamos de pesquisa documental.

A pesquisa foi desenvolvida em uma instituição especializada que compõe o Núcleo de Autismo, vinculado à Secretaria Estadual de Educação. Recorreu-se a documentos como o Projeto Político Pedagógico (PPP), as Fichas de Evolução, os Relatórios de Atividades e demais registros, que fazem parte do acervo teórico e prático inclusos no ambiente do Núcleo.

Aqui focaremos em apresentar um dos espaços da Sala de Recursos, a Sala de Atendimento 1 – Atendimento Psicopedagógico Especializado, no que se refere às atividades voltadas para o processo de alfabetização (leitura e escrita).

A sala 1 do Atendimento Psicopedagógico Especializado:

Objetiva apoiar pedagogicamente a criança com TEA, desenvolvendo atividades educacionais especializadas de suporte acadêmico com finalidade de complementar ou suplementar a formação do aluno por meio de recursos de acessibilidade e estratégias adequadas de intervenção, e apoio pedagógico que contribua para eliminar as barreiras para o desenvolvimento de sua aprendizagem e para sua participação na escola e na sociedade. (NATEE, p. 21, 2019).

O trabalho foi realizado a partir de instrumentos que mensuram a evolução em leitura e escrita de crianças com TEA, considerando os níveis de desenvolvimento acadêmico em 2019, a partir da ficha de evolução e dos relatórios de atividades dos professores do NATEE.

A escolha das Fichas de Acompanhamento de quatro alunos do ano de 2019 necessitou de uma pré-análise para levantar o nível/processo de leitura e escrita dos alunos. Inicialmente, houve uma leitura “flutuante”, de acordo com Bardin (2016, p. 64): “A primeira atividade consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. Em seguida, foi feita a escolha das fichas e dos Planos de Desenvolvimento Individualizado (PDI) que seriam utilizados e subsidiariam a análise. Conforme Bardin (2016, p. 64), “o objetivo é determinado e, por conseguinte, convém escolher o universo de documentos suscetíveis de fornecer informações sobre o problema levantado”.

Por fim, foi analisado o conteúdo das fichas de evolução por meio de uma representação gráfica com intuito de mensurar com mais propriedade a forma como os/as educadores/as trabalharam no espaço de sala de aula e de relacionar com a questão norteadora, isto é, com o foco da pesquisa, que são as práticas pedagógicas de alfabetização na perspectiva da leitura/escrita dos educandos com TEA.

Com isso, espera-se que a pesquisa contribua para a garantia do processo que envolve a prática docente, o acesso e permanência de pessoas com TEA, em especial alunos do Núcleo, principalmente na elaboração de estratégias eficazes para a aprendizagem de cada aluno (a) em relação ao processo de alfabetização, leitura/escrita.

A revisão bibliográfica foi realizada mediante uma leitura sistemática, com fichamento das obras, de modo a ressaltar os pontos pertinentes ao assunto em estudo abordados pelos autores.

Do ponto de vista pedagógico, há classificações na literatura sobre tipos de adaptações curriculares que podem ser implementadas a depender das necessidades do aluno e estas devem ser criteriosamente estabelecidas, em função de avaliações cognitivas, padrões de

funcionamento comportamental, de comunicação e interação social, funcionamento adaptativo e familiar, dentre outros (Brentani *et al.*, 2013).

Giancreco (2007) enfatiza que, nos marcos de um mesmo currículo, o aluno com deficiência precisa ter um planejamento individual de resultados esperados de aprendizagem apropriados às suas necessidades de desenvolvimento.

Presentemente, convivemos com diagnósticos cada vez mais precoces e, segundo estimativa do CDC (Center of Diseases Controlando Prevention), órgão ligado ao Governo dos Estados Unidos, a cada 36 crianças em idade escolar, uma apresenta TEA, mostrando o incremento significativo ao longo do tempo. Vale ressaltar que há alguns anos ocorria um caso para cada 500 crianças. Esses dados apontam que cerca de 70 milhões de pessoas têm TEA no mundo, sendo 2 milhões só no Brasil.

Nesse sentido, a pesquisa é uma ação necessária para desvelar este contexto, fatos e acontecimentos que dão ao pesquisador a oportunidade de se aproximar de uma determinada realidade. Freire (1999) explicita que a pesquisa contribui para a descoberta e a criação de novos conhecimentos, demonstrando sua relevância sobre a temática de um determinado assunto e corroborando para que os sujeitos se apropriem das produções teóricas e práticas desencadeadas no campo pesquisado.

3 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO CONTEXTO DO NATEE: EDUCANDO COM TEA

O NATEE atende discentes com autismo advindos dos mais variados municípios do estado do Pará. Tem como objetivo proporcionar AEE ao grupo supracitado e aos seus familiares por meio de um trabalho interdisciplinar e multiprofissional que facilite a comunicação, a interação social, a afetividade e o processo de aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da leitura e da escrita.

Dentre os serviços oferecidos pelo Núcleo, destacam-se: a avaliação psicopedagógica para auxiliar junto à observação médica; a elaboração de laudos clínico-pedagógicos sobre a (in)existência do autismo e sua especificidade; e o AEE para autistas.

O NATEE promove ainda outras ações e intervenções de cunho cultural e pedagógico, compreendendo uma dinâmica de atendimento individualizado ou em pequenos grupos aos educandos que apresentam autismo, matriculados na rede regular de ensino, sendo que a

realização destes atendimentos ocorre no contraturno escolar regular, conforme discrimina a legislação educacional vigente.

Conforme já mencionado, os alunos com TEA ingressam por meio do atendimento inicial da COEES, por encaminhamento de Unidades de Saúde e procura espontânea da comunidade. As etapas da avaliação se constituem em um processo contínuo de avaliar a criança, seus familiares e os procedimentos de intervenção, dentre os quais se tem: anamnese (coleta de dados) com familiares que convivem com a criança, objetivando a complementação da história de vida.

Para que o processo de avaliação tenha qualidade e sustente intervenções futuras, Baptista (2011) orienta sobre a utilização de outros procedimentos associados a ela, tais como: a anamnese e as entrevistas com pessoas que se relacionam com os sujeitos avaliados. O autor afirma que todo processo avaliativo deve ter por finalidade levantar dados sobre a história e sobre o desenvolvimento biopsicossocial dos participantes. No contexto escolar, aconselha-se consultar o relatório pedagógico dos alunos que serão avaliados, os relatos da equipe gestora e dos professores sobre seu comportamento e sobre seu desempenho acadêmico.

No estudo em questão, a ficha de anamnese apresenta elementos da conduta social dos educandos, autocuidado, habilidades acadêmicas, linguagem expressiva e receptiva e informações sobre suas necessidades, sejam através da fala, de gestos ou de outras expressões não verbais. Aspectos gerais do comportamento motor também são observados, incluindo o caminhar, subir, pular, correr e o uso das mãos e dos braços.

Além disso, o PDI é organizado a partir de uma somatória de dados coletados na anamnese, realizada com familiares, nos contatos iniciais com a criança em sala de atendimento do NATEE, nas escolas regulares que frequentam, e serve de subsídio para a elaboração da proposta curricular, que sintetiza outros instrumentos existentes na educação especial.

O PDI é revisado semestralmente, ou quando mudanças significativas ocorrem no desenvolvimento do educando, evidenciando objetivos atingidos, superação de períodos de crises, dificuldades familiares ou até estruturais, referentes ao local de atendimento.

Ressalta-se, ainda, o atendimento aos familiares com ação interdisciplinar da equipe do NATEE. As atividades em grupo ocorrem nas datas comemorativas e a cada bimestre, por meio de oficinas de integração entre eles, com estudos sobre autismo, palestras com profissionais de outras áreas, passeios junto com as crianças a praias, piscinas e locais públicos que favoreçam o lazer em família e a qualidade de vida dos participantes.

A equipe de profissionais é composta por: psicólogos, pedagogas, fonoaudiólogas e professores da educação especial, que constroem seus saberes a respeito do desenvolvimento humano, pautado na crença de que as pessoas aprendem a fazer aquilo que é interessante. Daí a importância de mobilizar as crianças com TEA em função de determinados objetivos. A sistemática do atendimento segue uma rotina semanal para cada criança, que participa pela manhã ou pela tarde, de acordo com a opção dos pais e a oferta de vagas disponíveis. Cada atendimento tem por base o Mapa de Estratégias gerado a partir do PDI. Por isso, ele é individual, pois reflete as áreas de necessidades individuais de cada criança, sendo feito constantemente a cada objetivo atingido.

Logo, na Hora Pedagógica Semanal–HPS, os profissionais se reúnem para estudo de caso para, se houver a necessidade, coletivamente, revisar o PDI do educando que, porventura, necessite de uma reavaliação e de encaminhamento para outros departamentos. Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) afirmam que o estudo de caso justifica sua importância por reunir informações numerosas e detalhadas que possibilitem apreender a totalidade de uma situação. A riqueza das informações auxilia o pesquisador num maior conhecimento e numa possível resolução de problemas relacionados ao assunto estudado.

O processo educacional desses estudantes é complementado e/ou suplementado por meio dessas intervenções pedagógicas dos professores especializados nessa área de atuação educacional. Neste sentido, o NATEE vem desenvolvendo uma proposta de AEE para atender a demanda crescente de casos de TEA em Belém e municípios vizinhos do estado do Pará.

Assim sendo, a proposta do Núcleo objetiva o apoio psicopedagógico ao educando com TEA, desenvolvendo atividades educacionais especializadas de suporte acadêmico, com finalidade de complementar ou suplementar à formação do aluno por meio de recursos de acessibilidade e estratégias adequadas de intervenção, que contribuam para a eliminação de barreiras, principalmente as de ordem pedagógica, colaborando para o desenvolvimento de sua aprendizagem e plena participação no convívio social.

Segundo Sasaki (1999), o acesso e a permanência das pessoas com deficiência no sistema educacional sofreram a influência de paradigmas que lhes negavam o direito de frequentar escolas e relegavam o seu atendimento a instituições precárias à margem do convívio social, sob a égide do estigma, da segregação, não vislumbrando qualidade na sua formação cognitiva e social.

Logo, com o surgimento do paradigma da inclusão, a escola assume papel ativo na educação das pessoas com deficiência, pois se modifica para atender às necessidades educacionais de tais pessoas.

Neste contexto, as transformações ocorrem não apenas do ponto de vista da estrutura física, mas em nível de oferta de serviços institucionais específicos, como o AEE, que apresenta uma proposta de mediação pedagógica que visa possibilitar o acesso ao currículo pelo atendimento às necessidades educacionais específicas dos alunos com deficiência, TEA e altas habilidades ou superdotação, público da educação especial, devendo sua oferta constar no PPP da instituição, em todas as etapas e modalidades da educação básica (Brasil, 2011).

Para Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 224), “é importante que as crianças com TEA estejam na escola e participem dela integralmente” e que as atividades pedagógicas sejam adaptadas de maneira que participem e façam as mesmas atividades propostas aos colegas em sala de aula.

Podem, como qualquer pessoa, ser escolarizadas. De acordo com a pesquisa desenvolvida por Barberini (2016, p. 53), “ao acreditar que todos os alunos devem ser atendidos em suas necessidades, o processo de escolarização perpassa por características diversas dos alunos que estão sendo atendidos pelo ensino regular”.

Carvalho (2009, p. 113) evidencia que “o processo de escolarização ocorre de maneira complexa e desafiadora para alunos com autismo”. Ou seja, estão cada vez mais presentes na prática escolar os desafios para a inclusão do aluno. Entretanto, muitas são as barreiras enfrentadas também por professores para o atendimento de crianças com deficiências, como é o caso dos alunos que apresentam autismo.

4 LEITURA E ESCRITA DE ALUNOS COM TEA

A possibilidade de compreender e de identificar as teorias que fundamentam o processo de alfabetização sugere refletir com um dos autores que discorreu sobre a alfabetização: Paulo Freire. Tal autor representa um marco no campo das discussões acerca da temática referendada. Ao revelar a incumbência de que os sujeitos, necessariamente, têm que vivenciar a alfabetização, descobre-se que o uso bem elaborado das linguagens oral e escrita promove a socialização no/para o mundo e dá significados à leitura da realidade na qual eles estão inseridos. Com base nisso, o termo alfabetização deve ser entendido não só pelo aspecto conceitual, mas pelo seu valor social.

Segundo Paulo Freire (2001, p. 11): “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, o ser humano, muito antes de inventar códigos linguísticos, já lia o seu mundo. A criança não é um ser vazio, pois traz consigo muitos conhecimentos oriundos de sua convivência social. Desta forma, não se pode afirmar que o ato de alfabetizar se restringe apenas ao espaço escolar. A alfabetização vai além das letras, das palavras e textos, trata-se de compreender o mundo, refletir sobre ele e intervir nele, sempre que necessário.

Tais contribuições revelam sua importância no campo de evidências que remetem à alfabetização de sujeitos com TEA. Crianças no espectro apresentam dificuldades significativas nos processos de aprendizagem da leitura e da escrita, portanto, precisam ser bem avaliadas do ponto de vista da linguagem e do ponto de vista neuropsicológico para verificar as habilidades que estão deficitárias e, assim, a escola possa atuar no planejamento de metodologias eficazes, como as já mencionadas anteriormente, pois esta precisa trabalhar aspectos que necessitam de serem desenvolvidos nesse educando.

Como sugere Paulo Freire (2001), ajudar essa criança a compartilhar experiências sociais, estimular a relação de reciprocidade e a socialização com o outro são aspectos fundamentais para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Têm-se, assim, os princípios básicos educativos para o ensino de crianças com TEA, fundamentado em uma alfabetização efetiva, são eles: crianças com autismo aprendem pelo visual, pelo concreto, direto e objetivo dentro de uma performance onde possam se desenvolver.

Conforme Silva, Gaiato e Reveles (2012), o professor, em sua prática pedagógica, deve procurar estratégias para estimular as habilidades da criança com TEA, possibilitando o seu crescimento como pessoa para que possa atuar em seu meio social, mas essa prática docente deve incluir a participação da família e da comunidade escolar, um trabalho desenvolvido em conjunto com todos os envolvidos no ambiente escolar, de tal modo que o processo de ensino e aprendizagem seja significativo, criando possibilidades para o desenvolvimento global da criança autista.

De acordo com Mazzota (1993), as crianças autistas têm necessidade de motivações, estímulos que devem ser provocados por estratégias pedagógicas desenvolvidas pela equipe docente, contudo é fundamental que a família dê continuidade em casa no que é realizado pelo corpo docente na escola.

Assim sendo, falar em prática pedagógica é deixar claro que seu ponto de partida e seu ponto de chegada é a prática social. Entende-se como finalidade básica desta prática a transformação real do aluno de modo a satisfazer uma determinada necessidade humana e,

para isso, o professor precisa saber a importância da educação na vida do educando. O quê e como deve aprender? O professor, na prática, tem que pensar constantemente no tipo de ser humano que pretende formar, pois: “de todas as profissões, a do professor é talvez a que exige mais qualidades pessoais [...], pois cada professor precisa ter a soma de alguma qualidade que lhe deem condições mínimas de ser um bom professor” (Karling, 1991, p. 87).

Concorda-se com a colocação de Karling (1991), pois um bom professor precisa conhecer, também, as potencialidades e dificuldades dos seus alunos no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, esse professor transforma-se em um educador que se preocupa com o desenvolvimento pessoal, social, psicológico e cultural dos educandos. Por isso, a tarefa educativa é bastante complexa e de extrema responsabilidade.

Nesse contexto, sabe-se que a ausência de formação continuada do professor dificulta o fazer pedagógico e, conseqüentemente, o desenvolvimento do aprendizado do aluno autista. Segundo Cunha (2012, p. 90): “O bom preparo profissional possibilita ao educador a inserção necessária para avaliar a conduta do aluno e da família no auxílio da recondução das intervenções”. Entende-se, então, ser essencial a formação continuada do professor para atender de forma efetiva o aluno autista com suas especificidades e singularidades, buscando desenvolver nele a linguagem, leitura, escrita e a interação com meio social.

Além disso, destaca-se que a educação e o acompanhamento adequado às crianças autistas englobam um trabalho multidisciplinar de médicos, fonoaudiólogos, terapeutas, psicólogos e professores apoiados pelos familiares. Assim sendo, o processo de ensino e aprendizagem da criança autista deve ocorrer em duas etapas: na primeira, necessita de um trabalho individualizado, utilizando a sala de recursos como suporte para o desenvolvimento de habilidades específicas, enfatizando a mudança de alguns comportamentos e aprendizado quanto às formas de comunicação e interação; também é importante trabalhar a socialização com a vivência em sala de aula regular, sendo esta fundamental para a interação e para o convívio social.

Cabe ao professor uma postura investigativa, afetiva e mediadora, tendo a compreensão das necessidades e dificuldades do seu aluno, levando-o a desenvolver-se por meio de atividades de caráter terapêutico, afetiva, social e pedagógica.

Logo, a prática docente deve incluir uma pedagogia que respeite a criança e a sua diversidade para que ela reencontre sua própria identidade como ser humano por meio do respeito à individualidade de cada um, respeitando as crianças como elas são, sem submetê-las a modelos pré-estabelecidos de infância. Acredita-se, portanto, que para a efetivação e

implementação de uma prática docente eficaz, torna-se necessário que o professor procure refletir sobre a sua prática pedagógica baseada em fundamentos teóricos que orientarão o fazer pedagógico do professor em sala de aula. Conforme Zabala (1998, p. 16): "necessitamos de meios teóricos que contribuam para que a análise da prática seja verdadeiramente reflexiva".

A Declaração de Salamanca (1994) defende a implementação de uma pedagogia voltada para a diversidade e para as necessidades dos alunos em diferentes contextos para beneficiá-los em todos os aspectos. Acrescenta, ainda, o documento que: a educação assume as funções social, cultural e política, garantindo, dessa forma, além das necessidades básicas (afetivas, físicas e cognitivas) essenciais ao processo de desenvolvimento e aprendizagem, a construção do conhecimento de forma significativa, através das interações que se estabelece com o meio.

Desta forma, essas práticas pedagógicas contribuem de forma consistente para as aprendizagens significativas, levando em conta o contexto educacional dos alunos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 PERFIL DOS ALUNOS

Os dados apresentam a caracterização dos alunos A, B, C, e D – Tabela 1. Os alunos se apresentam em níveis de desenvolvimento diferentes, sendo que os alunos A e C encontram-se no desenvolvimento inicial de habilidades acadêmicas, ainda não fazem leitura e nem uso de coordenação motora fina para a escrita; as atividades para esses educandos são do grupo do nível 2. Por sua vez, os educandos de nível 3 já conseguem realizar leitura de palavras e frases simples, utilizam escrita para palavras simples. O comportamento imitativo demonstra maior avanço. Vale ressaltar que o nível aqui mencionado se refere ao desenvolvimento acadêmico desses educandos.

Tabela 1 - Nível de desenvolvimento dos alunos.

Aluno	Sexo	Idade	Nível
A	Masculino	10	1
B	Masculino	10	3
C	Feminino	11	2
D	Masculino	9	3

Fonte: elaborada pelo autor.

5.2 ANÁLISE DOS DADOS

Com intuito de apresentar como ocorre o ensino de leitura e de escrita de crianças com TEA, o trabalho foi elaborado a partir do *corpus* constituído de 4 (quatro) alunos que frequentam regularmente o NATEE. Optou-se pelo uso da planilha que elenca a síntese de evolução desses educandos, a fim de identificar os processos no tocante ao seu desenvolvimento escolar e social.

Com isso, a pesquisa buscou, por meio de análise, evidenciar um conjunto de práticas de leitura e de escrita adquiridas ou não pelos estudantes com TEA a partir de um ensino estruturado, planejado e específico de instrução explícita e que, por vezes, precisa de tempo para se concretizar na prática do dia a dia da escola e seu meio social, a exemplo dos alunos de etapa do ensino fundamental I. Parte-se do pressuposto de que a alfabetização é um processo complexo de aprendizagem que implica em um conjunto de pré-requisitos.

Sobre o ensino estruturado, este é uma ferramenta fundamental para o eficaz aprendizado do autista. Surgiu na década de 70 e foi desenvolvido por Eric Schopler e seus colaboradores. O ensino estruturado consiste em ensinar técnicas comportamentais e métodos de educação especial a crianças autistas, a fim de que respondessem às suas necessidades, muitas vezes impossibilitadas pela falha na comunicação (Brasil, 2008a).

Tal ensino torna o ambiente em que os educandos se inserem mais previsível e acessível, minimizando reações a grandes mudanças comportamentais ou mesmo no ambiente físico. Visa, portanto, melhorar sua autonomia por meio de capacidades adaptativas e a participação na escola junto aos colegas de turma, almejando a inclusão na sociedade.

Assim sendo, por meio de um ensino estruturado, é possível fornecer uma informação clara e objetiva das rotinas, manter um ambiente calmo e previsível, atender à sensibilidade do aluno aos estímulos sensoriais, propor tarefas diárias que o aluno seja capaz de realizar e promover a autonomia (Brasil, 2008a). Ou seja, evidencia a criação de estratégias e de atividades a serem utilizadas, demanda disposição e clareza de rotinas que ajudam na organização do pensamento e do seu dia a dia, ajuda na memorização, generalização, comunicação, interação, com foco nas habilidades.

Neste sentido, a leitura se apresenta como precursora deste ensino, pois aumenta a capacidade de estimulação de áreas neuronais próximas ou distantes do cérebro, o que se deve à alta carga de estímulos na imaginação criando mentalizações das ações, reduzindo o estresse,

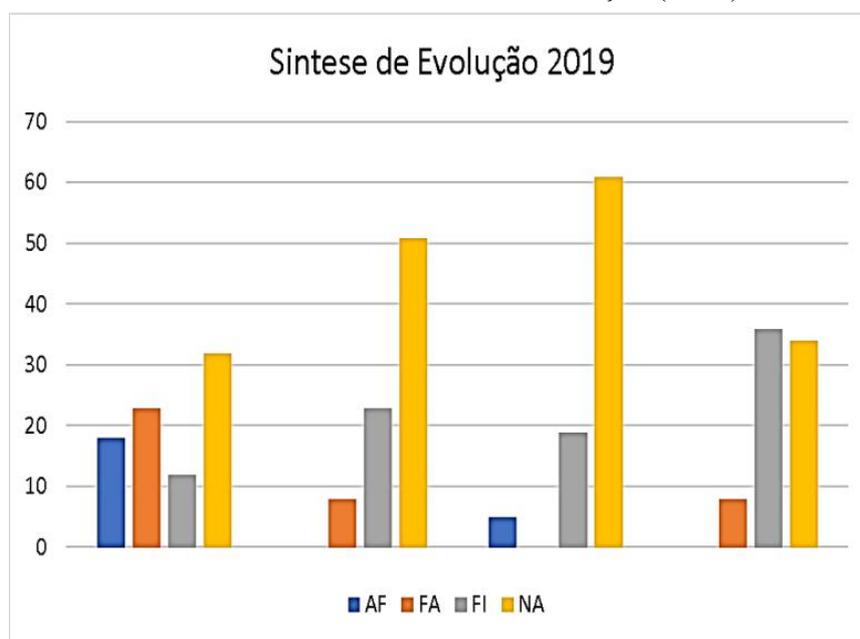
e à capacidade de raciocínio verbal, este entendido pelo ato de raciocinar, pensar algo associado a palavras.

Ao mesmo tempo, condiciona a flexibilidade em expressarem sentimentos, pensamentos, opiniões e situações de argumentação, ou seja, aumenta a capacidade de autorregulação. Pessoas com transtornos de neurodesenvolvimento, como TEA, têm aumentada sua capacidade de funcionar no ambiente quando fazem uso da leitura. As evidências científicas mostram que os indivíduos que têm leitura fluente demonstram uma cognição crescente.

O gráfico 1 apresenta uma síntese de evolução, no ano 2019, acerca das habilidades alcançadas pelos educandos nos ambientes de atendimento de cada setor que compõe o Núcleo do Autismo, tal síntese está vinculada a uma ficha de evolução em que consta cada habilidade/atividade que serão implementadas de acordo com os níveis.

Nesta ficha, apresentam-se: os objetivos a serem alcançados, as atividades a serem implementadas e os procedimentos de registro anexados em legenda (AF- ainda não faz, FA - faz com apoio, FI - faz com independência, NA - não avaliado), ambos com devolutiva às famílias de forma semestral.

GRÁFICO 1 – Síntese de Evolução (2019)



Aluno A: 1º Gráfico	Aluno B: 2º Gráfico	Aluno C: 3º Gráfico	Aluno D: 4º Gráfico
---------------------	---------------------	---------------------	---------------------

Fonte: Ficha de Evolução NATEE (2019)

Logo, destaca-se que os estudantes, para receberem os atendimentos, passam primeiramente por uma avaliação pedagógica, onde há uma construção de PDI, sendo que cada espaço faz uma intervenção específica organizada por área, mas que se organiza em um único objetivo: o de ampliar o repertório acadêmico do educando que chega para o atendimento.

Gomes e Dutra (2016, p. 11) pontuam que: as habilidades são consideradas básicas, mas são extremamente relevantes, porque sobre elas se sustentará o desenvolvimento de habilidades mais complexas: elas envolvem conjuntos de comportamentos de atenção, imitação, linguagem receptiva e expressiva (...) e pré-acadêmicas. Ou seja, devem ser priorizadas em um programa de ensino, pois possibilitam o acesso do indivíduo a novas contingências, novos comportamentos e habilidades relevantes.

Dessa forma, no ambiente acadêmico, esta habilidade é essencial a toda convivência escolar e social. Sendo assim, para que o estudante com TEA permaneça na sala de maneira produtiva, é necessário que, antes, sejam desenvolvidas habilidades de menor complexidade, contextualizadas de acordo com seu nível cultural e social.

Na análise em questão, apresenta-se um quadro de 4 (quatro) alunos discriminados por letras respeitando a identidade de cada um: aluno A, aluno B, aluno C, aluno D. A Sala 1- denominada Pedagógica é a apresentada na pesquisa. Neste espaço, o educando é recebido pela dupla de professores que, em conjunto, a partir de uma avaliação de perfil organizam o Plano de Desenvolvimento Estruturado para cada um desses alunos.

O setor pedagógico utiliza-se de um planejamento focado no processo de leitura, de escrita e de conhecimentos matemáticos que subsidiarão os processos complementares à aprendizagem desses educandos, principalmente nas escolas regulares. Entre os objetivos traçados para eles, tem-se o nível de desenvolvimento acadêmico de cada um, sendo que há um total de 4 níveis de ensino: Nível I, Nível II, Nível III e Nível IV. Em cada nível, organiza-se um conjunto de habilidades/atividades para desenvolver as diferentes áreas a serem trabalhadas, objetivando alcançar a aprendizagem desses educandos.

No nível I, têm-se os alunos que necessitam de muito suporte acadêmico e, para desenvolver as habilidades nesse grupo, são utilizadas atividades de: transferência, associação, pareamento, acadêmico básico I (rasgar, cortar, colar, riscar, pintar) e brincar (manipular esquema corporal).

No nível II, têm-se os alunos que necessitam de suporte acadêmico moderado. Para este grupo, as atividades são de: transferência, associação, triagem, acadêmico básico II (recorte, colagem, pintura, encaixe, perguntas simples) e brincar funcional.

No nível III, têm-se os alunos que precisam de pouco suporte acadêmico. Para este grupo, as atividades são de: transferência, associação, triagem, imaginação, organização do pensamento, modelação, acadêmico complexo I (leitura, interpretação de texto, e imagem, escrita de palavras simples) e brincar simbólico.

Por fim, no nível IV, têm-se os alunos que necessitam de leve suporte acadêmico para realizar suas atividades. Para este grupo, desenvolvem-se todas as atividades de nível III e mais as atividades acadêmicas complexas II (planejamento, generalização, interpretação de texto e imagem, criar histórias, registro e escrita), brincar, aceitar regras, competir, usar estratégias.

O processo pressupõe vivenciar os ganhos dessas habilidades e aquelas ainda não consolidadas, como se observa no gráfico 1 em questão. Observa-se que, das atividades implementadas no setor pedagógico, o aluno A conseguiu, no ano de 2019, avançar em algumas habilidades, em outras ainda aparece abaixo do esperado; vale considerar que, em se tratando do TEA, tais alunos poderão apresentar atrasos significativos em suas habilidades acadêmicas, principalmente no que tange às questões cognitivas, comorbidades e alterações sensoriais comportamentais, daí a importância de se garantir um ensino estruturado de qualidade, visando à efetivação de ganho de habilidades e ampliação de seu repertório acadêmico.

No caso dos alunos aqui mencionados, os objetivos foram considerados a longo prazo, pois, para além das habilidades a serem ensinadas, a avaliação individual corrobora para um avanço dessa aprendizagem de leitura e de escrita. Por exemplo, pode-se observar que o aluno A ainda não tinha estabelecido as habilidades de leitura e de escrita, dessa forma o item laranja aparece como não avaliado, pois, como fora apresentado anteriormente, a partir da síntese de evolução, o aluno ainda não consegue realizar com autonomia essas habilidades leitoras e de escrita; por outro lado, demonstra crescimento nas atividades de nível I, pois se encontra neste nível, realizando as atividades deste bloco. Ou seja, nas tarefas de leitura e de escrita não foi possível avaliar as habilidades e as demais faz com apoio do professor para concluir. Observa-se ainda que, a partir do item de cor cinza, demonstra autonomia para executar, pois são as atividades de transferência e de pareamento.

Os alunos B e C demonstram maior incidência nas atividades não avaliadas, justamente por se tratarem de alunos com baixa frequência e ganho de habilidades. O aluno D é o que mais realizou atividades com autonomia. Estes educandos, no ano 2019, chegaram ao Núcleo com um baixo repertório nas habilidades de leitura, de escrita e de conhecimentos matemáticos. Com um trabalho integrado entre os setores, conseguiram avançar de nível acadêmico. Nos dois anos de pandemia, tais alunos evoluíram no seu processo de repertório acadêmico. Devido às mudanças ocorridas no Núcleo em relação à matrícula, perderam-se muitos desses alunos por fazerem parte da rede municipal.

Ressalta-se que as habilidades linguísticas são aprimoradas também de acordo com a convivência e a visualização da escrita dentro e fora da escola, em um processo de etapas. Caso elas não sejam trabalhadas de forma significativa, a tendência é um desinteresse pelas crianças, faz-se necessário entender que “a leitura é, sobretudo a compreensão do outro, a escrita é a compreensão do próprio sujeito” (Cunha, 2000, p. 33).

Ou seja, seus conhecimentos adquiridos no convívio social lhe permitem esta possibilidade e ainda propiciam uma maior compreensão sobre o ler e o escrever. Fornecem meios de explorar recursos linguísticos, suas chances de ampliar o universo são maiores. Ferreiro (2011) evidencia que é necessário que seja revisto o conceito que se dá à alfabetização principalmente quando se tratar de sujeitos com TEA. A escola deve possibilitar uma cultura de aprendizagens criativas, envolventes e envolvidas pela percepção que parte do educando a partir do que se apresenta na leitura de mundo.

Logo, sabe-se que a leitura é um processo complexo que depende do desenvolvimento de competências e de ofertas sistemáticas de oportunidades, neste sentido a função do educador ali presente é de ajudar a desenvolver o vocabulário desse educando, ajudá-lo a adquirir um bom raciocínio verbal, conseguir pensar, analisar as coisas por meio das letras, das palavras, textos, ou seja, o nível de alfabetização de como vai se estimular as habilidades fonológicas de forma precoce.

A decodificação não deve ser a única etapa para o educando aprender a ler e a escrever, porém precisa ser respeitada. Desenvolver os processos de aprendizagem de leitura por meio de figuras e de desenhos variados expressando ações, momentos, situações do cotidiano amplia o vocabulário diverso, amplia o repertório de palavras a partir do interesse do contexto da criança. Desenvolver estratégias para a consciência fonológica, bem como seu uso de decodificação som/letra. O desenvolvimento da consciência fonológica é auditivo e o

educando não precisa ter a habilidade de ler para praticar a combinação e a manipulação dos sons.

A equipe de profissionais do Núcleo evidencia um trabalho organizado, em um princípio de instrução explícita como forma de garantir um dito ensino estruturado que leve em consideração a organização de objetivos claros e específicos. A equipe, ao dividir as informações em blocos, fornece um modelo claro com explicação clara, objetivos de curto, médio e longo prazo, e oferece oportunidades para praticar os comportamentos. Alguns educandos apresentam dificuldade em relação à memória operacional para compreender uma longa série de instruções e organizar o pensamento.

Observa-se, de maneira crescente, nas escolas, a percepção de que o aprender e desenvolver são aspectos que precisam ser estimulados. Portanto, a adaptação das atividades deve ser uma realidade nas escolas inclusivas.

De acordo com Aranha (2000, p. 10-11), a adaptação pode ser realizada pelo professor ao “favorecer a participação do aluno nas atividades escolares; atuar para aquisição dos equipamentos e recursos materiais específicos necessários”, práticas educativas que atendam às necessidades e efetivem a aprendizagem de todos independente de suas dificuldades. A escola precisa adaptar-se às necessidades dos alunos, assim efetivar um currículo flexível, que atenda as especificidades e realidade do educando.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos analisados, constatou-se que o Núcleo do Autismo, por meio das práticas implementadas, vem proporcionando experiências motivadoras na aquisição de habilidades por parte dos educandos, evidenciado na análise do gráfico 1, bem como um ensino estruturado que corrobora para o aprendizado da leitura e da escrita desses educandos, os quais são imbuídos de significados sociais para sua convivência, especialmente quando se trata de uma escola ou de um Núcleo de Atendimento Especializado, como o NATEE, que possui suas especificidades, que vão além do processo de ensino e aprendizagem e da formação do sujeito autônomo, crítico e emancipado, mas, acima de tudo, humanizado.

Sendo assim, é necessário refletir a respeito da prática pedagógica no cenário atual que envolve o TEA, enquanto meio e possibilidade para se entender e desenvolver o ensino da leitura e da escrita de forma que possibilite a inserção do educando no espectro autista em práticas letradas e inclusivas.

As habilidades evidenciadas, na análise do gráfico, demonstram que é possível mudar de nível acadêmico, quando este envolver educandos no espectro autista concernente às suas aprendizagens; os profissionais que ali atuam exercem papel importante nesse contexto, quando nem sempre as políticas públicas estão para garantir a efetividade do acesso e da permanência dos educandos em espaços escolares.

O estudo destaca a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso e a permanência dos alunos em espaços que promovam a estimulação precoce e adequada, favorecendo o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Além disso, é crucial implementar melhorias no espaço físico do Núcleo, que tem um papel fundamental.

Além disso, a formação continuada é um dos meios pelos quais as mudanças de práticas pedagógicas, fragilizadas pelo tempo ou pela ausência de informações teóricas acerca do TEA, podem ocorrer. No caso dos profissionais do Núcleo, estes contam com parcerias das universidades, de cunho próprio e buscam se aprimorar a cada dia promovendo a educação como processo contínuo de construção e de desenvolvimento de conhecimentos dos mais diversos aspectos, cognitivos, sociais, culturais e de valores humanos, ao considerar que, apesar de todo o aparato que envolve a ação educativa, reflexiva e dialética, é nas relações humanas que reside a essência da formação e da transformação dos sujeitos de direitos.

Portanto, a escola é uma criação da sociedade para que todos os membros deste grupo possam ter acesso à cultura da comunidade e desenvolver habilidades fundamentais para uma melhor qualidade de vida, como a leitura e a escrita, fazendo com que o conhecimento se torne uma ferramenta social de combate à desigualdade.

E, finalmente, a partir de nossas motivações iniciais e das contribuições do Núcleo para o desenvolvimento do processo de alfabetização dos educandos, considera-se que a proposta de trabalho avançou bastante, mas muito ainda precisa ser feito, principalmente em relação ao tempo destinado ao processo de alfabetização da leitura e da escrita na sala 1 do Atendimento Pedagógico Especializado.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria S. Inclusão social e municipalização. In: MANZINI, E. J. (Org.). **Educação especial: temas atuais**. Marília, SP: Unesp: Marília-Publicações, 2000.

BAPTISTA, Cláudio Roberto. Ação pedagógica e educação especial: a sala de recursos como prioridade na oferta de serviços especializados. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 17, n. esp., p. 59-76, 2011.

BARBERINI, Karize Younes. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento** [online], vol. 16, n. 1, pp. 46-55, 2016. ISSN 1519-0307.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Unidades de Ensino Estruturado para alunos com perturbações de espectro do autismo**. Normas Orientadoras, 2008a.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Inclusão. **Revista da educação especial**, v. 4, n.º 1, jan./jun., 2008b.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 4, de 2 de outubro de 2009**. Institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. **Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Lei Berenice Piana. Brasília: Diário Oficial da União, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Orientações para a implementação da política de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**, 2015.

BRENTANI, H. *et al.* Autism spectrum disorders: an overview on diagnosis and treatment. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 35, p. 62-72, 2013.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

CARVALHO, Rosita Edler. A escola inclusiva como a que remove barreiras para a aprendizagem e para a participação de todos. In: GOMES, M. (Org.). **Construindo as trilhas para a inclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

CUNHA, J. A. Fundamentos do psicodiagnóstico. In: CUNHA, J. A. (Ed.). **Psicodiagnóstico** V. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, Salamanca-Espanha, 1994.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2001.

GIANCRECO, M. E. Extending Inclusive Opportunities: How can students with disabilities meaning fully participate in class if they work many levels below classroom peers? **Educational Leadership**, v. 64, n. 5, p. 34-37, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Camila; DUTRA, Analice. **Ensino de Habilidades Básicas para Pessoas com Autismo**: Manual para Intervenção Comportamental Intensiva. Curitiba: Appris Editora, 2016.

KARLING, Argemiro Aluísio. **A didática necessária**. São Paulo: IBRASA, 1991.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

NATEE. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto político-pedagógico**: Núcleo de Atendimento Educacional Especializado ao Transtorno do Espectro Autista – TEA. Belém-PA: SAEN/COEES, 2019.

MAZZOTA, M. J. S. **Trabalho docente e formação de professores de educação especial**. São Paulo: EPV, 1993.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ZABALA, A. **A prática Educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

OPEN ACCESS

Este manuscrito é de acesso aberto ([Open Access](#)) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença Creative Commons [Attribution-NonCommercial 4.0 International \(CC BY-NC 4.0\)](#). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE

Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto [iThenticate](#) da Turnitin, através do serviço [Similarity Check](#) da [Crossref](#).



PUBLISHER

Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.



HISTÓRICO

Submetido: 15 de outubro de 2024.

Aprovado: 26 de dezembro de 2024.

Publicado: 26 de dezembro de 2024.